
O ofício de vender livros e os “marcadores da práxis” sob a perspectiva de três livreiras¹

Samara Mirian COUTINHO²

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG

Resumo

Neste trabalho trouxemos uma continuação ao trabalho "Os livreiros e a prática de mediação" (Coutinho, 2024) aumentando o número de conceitos, apresentando o *corpus* de nossa pesquisa e trazendo dados empíricos. Nossa discussão aborda o que denominamos “marcadores das práxis”, ou seja, práticas basilares do cotidiano de tais agentes. Após a revisão bibliográfica dos trabalhos de Souza (2022), Schettino (2011), Silva (2019) e das entrevistas em profundidade com as livreiras Maria Antônia Pavan (Livraria Duas Cidades/UNESP), Cláudia Amorim (Livraria Malasartes) e Cláudia Masini (Livraria Quixote) depreendemos cinco marcadores: a atuação como agente da sociabilidade, a mediação, a curadoria, o gerenciamento do empreendimento e a formação de livreiros. Nosso objetivo é discorrer brevemente acerca de tais tópicos a partir de trechos das entrevistas.

Palavra-chave: livreiro; livraria; marcadores da práxis; ofício; comércio de livros.

Neste artigo propomos uma continuidade do trabalho apresentado no GP de Produção Editorial da Intercom no ano de 2024.³ Neste trouxemos uma reflexão teórica sobre como os livreiros se constituíram historicamente e um esboço das categorias que vamos implementar na análise a seguir. No artigo foi focalizada a função de mediador em uma perspectiva mais teórica, sendo esta prática um dos cinco marcadores que elencamos na presente discussão. Nossa proposta é, dessa vez, avançar a discussão com dados empíricos coletados em entrevistas em profundidade, além de esboçar um primeiro perfil biográfico das livreiras que participam da nossa pesquisa de doutorado.

Somos convocadas a fazer tal reflexão partindo de um excerto da tese de Thais Sena Schettino, em *A formação de um grupo: livreiros no Rio de Janeiro* (2011, p.11), na qual ela separa os “livreiros” dos “vendedores de livros”. Após dois anos de pesquisa de campo com profissionais para sua tese, a autora percebeu que os integrantes do primeiro grupo, composto por um grupo menor de agentes,

¹ Trabalho apresentado no GP de Produção Editorial do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Estudos de Linguagens no Programa de Pós-graduação do CEFET-MG sob orientação da Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro. E-mail: samaramirian88@gmail.com.

³ O resumo expandido foi publicado nos anais da Intercom de 2024, disponível em:

<<https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/17/07192024143342669aa376d4046.pdf>> Acesso em 11 jun. 2025.

não apenas vendem um produto, mas acreditam fornecer um serviço ao cliente, que é entregar informação selecionada sobre um determinado tema. Uma das atividades dentro da rotina do livreiro é atuar como um indexador de informações, isto é, ele tem a habilidade de filtrar e interpretar as informações editoriais com intuito de gerar um sentido, um significado compreensível para si, para os outros livreiros e, finalmente, para o cliente. Esse significado se traduz em um conselho aos consumidores, que resulta na compra de determinado livro. Já os vendedores estão ali na livraria apenas para te entregar uma mercadoria, que pode ser um livro, um vídeo ou ainda um artigo de papelaria. (p.11)

A partir do ponto de vista da pesquisadora entendemos e concordamos com a divisão de quem são os vendedores e os livreiros. E desdobramos o que ela caracteriza como “indexação” propondo os marcadores da práxis. Essa proposição vem a partir da leitura de Schettino, mas também de Souza (2022) e Silva (2019), além da nossa participação como observadora em três turmas do curso de formação de livreiros da Casa Educação (66h) e das interlocuções feitas com livreiros/as. Para o artigo, trazemos três entrevistadas: Maria Antônia Pavan (Livraria Duas Cidades/UNESP), Cláudia Amorim (Livraria Malasartes) e Cláudia Masini (Livraria Quixote).

As livreiras

Maria Antônia Pavan: Nasceu em Ibitinga, uma cidade do interior de São Paulo, a 400 quilômetros da capital, em 1946. Atua como gerente na livraria UNESP localizada na praça da Sé e foi proprietária da livraria Duas Cidades após o falecimento de seu parceiro, Professor Santa Cruz. Coursou Letras, inicialmente, em Araraquara e depois na USP. No ano de 2025 completa 54 anos de atuação na área. Em sua narrativa, que teve duração de seis horas e foi realizada na sua casa, contou-nos minuciosamente sobre sua trajetória escolar, dando muita ênfase na sua educação e nos primeiros contatos com o universo dos livros. Trabalhou como professora por um curto período visando sua subsistência. No seu relato conta sobre sua experiência na Duas Cidades e sobre seu discreto relacionamento amoroso. A Ditadura Militar é muito abordada quando narra a história do Marighella, localizado via interceptação de uma ligação na livraria, em um período anterior a sua entrada no estabelecimento. A livreira também relata sobre o tempo que ficou à frente da editora e da livraria Duas Cidades, sobre o processo de falência e sobre o convite para abrir a Livraria UNESP. Maria Antônia foi a responsável por instalar a livraria, compor o acervo, catalogar e treinar funcionários. Comentou

sobre o período da pandemia que precisou se afastar do trabalho. Conversamos, entre outros assuntos, sobre Tiktok, influencers e doramas.

Cláudia Masini: Nasceu em Belo Horizonte, em 1967. É sócia proprietária da Livraria Quixote desde 2003 juntamente com seu marido, Alencar Perdigão. Coursou psicologia, mas trabalhou em grandes empresas de vestuário na área de gerência comercial, sendo uma profissional muito reconhecida. A mudança de área foi impulsionada pela maternidade, quando estava grávida de sua primeira filha, Manoela, e pelos assédios sofridos na empresa em que trabalhava. Cláudia manteve uma tripla jornada: mãe de recém nascido enquanto implementava a área financeira da livraria e trabalhava em tempo integral em outra empresa. Foi mantenedora financeira da livraria até ela prosperar. Discorreu de forma muito emocionada sobre a invalidação enquanto profissional, muito vezes em decorrência da questão de gênero e, também, por não vir de uma formação estritamente vocacionada ao livro. A implementação da livraria foi narrada criteriosamente, assim como as crises financeiras pelas quais o empreendimento passou. Dentre elas, o fechamento devido a COVID-19 e o apoio da comunidade em manter o negócio funcionando. Conversamos por aproximadamente 3 horas na livraria Quixote. Falamos de compras no varejão, sobre a sua alegria na festa de 20 anos da livraria e fomos interrompidas mais de uma vez por clientes que a tratavam com muito afeto.

Cláudia Amorim: Nasceu em 1951, no interior de São Paulo, em uma cidade chamada São Miguel Arcanjo. Foi pro Rio de Janeiro com quatro anos, após o falecimento do pai onde reside até a atualidade. Foi sócia proprietária da Livraria Malasartes, especializada no segmento infantil, de 1981 até 2022. Sua primeira graduação foi comunicação social na PUC, na década de 1970. Na década seguinte cursou Sociologia, na UFRJ, mas optou por não concluir os estudos. Atuou como repórter na rádio Jornal do Brasil no período da ditadura, período que comentou bastante a respeito. É notoriamente uma frequentadora de livrarias desde a infância e conhecedora da história desses empreendimentos. Devido às especificidades do segmento que atuava, relatou bastante sobre o universo infantil, sobre o convívio com as crianças e sobre formação de leitores. Ficou latente o seu desejo de que existam mais bibliotecas. Também comentou sobre a

composição da sociedade da Malasartes, sempre gerenciada por mulheres, e que chegou a ter quatro sócias, e do contínuo envolvimento de sua família com o negócio. Conversamos também sobre o Rock in Rio, desfile de escolas de samba e vinhos. A conversa durou por volta de 4 horas em uma cafeteria do SESC.

Os marcadores da práxis no relato das livreiras

Entendemos práxis como uma prática que é executada de maneira ativa e cotidiana no trabalho, e principalmente, que é fruto de um saber experiencial. O ofício do livreiro não é regulamentado e possui pouca institucionalização por meio de cursos e livros. É um saber que se constrói na prática, ouvindo os mais experientes.

Os marcadores vêm como categorias identificadas em todas as três narrativas⁴. Nem todas as profissionais têm todos os marcadores da mesma forma, mas seus microcosmos esbarram por tais demandas uma vez que são indissociáveis do ofício. E estes se sobrepõem, às vezes de maneira muito conectada, mas motivados por gestos diferentes.

Gerenciamento do empreendimento: gerenciamento de funcionários e burocracias do negócio, como emissão de notas, pagamento de contas, gestão de caixa, precificação, catalogamento, entre outros.

Maria Antônia (2024)	Cláudia Amorim (2024)	Cláudia Masini (2024)
“Estava cuidando dos meninos, porque tinha que fazer parte de banco, as entregas de livros, iam comprar livros, tinha que buscar pacote, e eu que cuidava dos office boys, essa coisa toda.”	“Essa coisa de empregado eu acho que cansa muito. Você tem que trocar [o dia] e não troca. Aí não vai, você tem que sair correndo de casa. Você cobre tudo.”	“Aí eu dou uma coordenada com a galera. Ah, tem que fazer isso aqui. Ah, vamos fazer isso aqui. Não, tá desarrumado aqui. Olha como é que tá essa vitrine aqui por fora. Vamos arrumar a livraria. Uma função meio RH, com organização de loja.”
		“Eu chego, vou direto lá para o computador, olho minhas contas todas para pagar, pago tudo que eu tenho para pagar, aí olho

⁴ Os marcadores não podem ser afirmados como uma tendência, afinal trabalhamos com um *corpus* pequeno, entendendo mais como um registro de fontes primárias em um campo pouco estudado. Entretanto, acreditamos que esses registros somados às reflexões bibliográficas de pesquisas que usaram *corpus* maior e com nosso trabalho de campo em um curso de formação nos permitem afirmar que são práticas corriqueiras.

estoque, aceite, consignação, dou baixa no financeiro. Faço meio que um planejamento da semana e do mês, olha como a projeção de venda está, quanto eu tenho que vender para ficar tudo redondo.” (Masini, 2024)

Tabela 1: gerenciamento (elaborada pela autora)

Percebemos a atuação como gerentes do empreendimento quando observamos frases como a de Maria Antônia, Cláudia Amorim e Cláudia Masini supracitadas. Na primeira linha de excertos são comentadas questões de gerenciamento de pessoal, parte importante das funções de uma livreira proprietária. Já Cláudia Amorim fala dos motivos da sua aposentadoria em 2022, citando que um dos desgastes da rotina era o trato com os funcionários. Também vemos tal marcador quando conversamos sobre o cotidiano de Cláudia Masini, citado no segundo nicho, pelo qual depreendemos que a livreira opera cotidianamente em uma função mais gerencial do que no atendimento.

Mediação: é o atendimento ao cliente, a capacidade de indicar e se atentar ao que o cliente quer. Fazer a ponte entre livro e leitor em um processo que retroalimenta. Também é um elo de mediação da cadeia editorial conectando-se com o editor, o autor e com o distribuidor.

Maria Antônia (2024)	Cláudia Amorim (2024)	Cláudia Masini (2024)
“E aí comecei, vinha o cliente, queria o livro, vinha aquela lista. Antigamente, naquela época, as pessoas vinham com aquela lista enorme de bibliografia que as faculdades davam, ou quem estava preparando tese, tanto mestrado quanto doutorado, ou para os cursos. E tinha? Tudo bem. Não tinha? Eles encomendavam mesmo. Cada um encomendava cinco, seis, dez livros. Eu fazia encomendas, diversas editoras, aquela coisa, tinha que preparar os pedidos. Chegava, eles iam lá e compravam uns 10, todos me encomendavam.”	“O cliente era a criança. Por isso que eles foram crescendo e voltavam, porque eles já se sentiam empoderados ali já. Era o mais importante. Mas isso sempre foi desde o começo. Se deixar pai e mãe, eles vão escolher os que eles leram quando eram crianças. Porque você gostou, nem quer dizer que seu filho vai gostar, né? E até porque são outros tempos, outras coisas, e também tem essa ideia, por exemplo, que na sua idade eu já lia tal coisa. E às vezes nem era naquela idade, às vezes tá totalmente equivocado.”	“Eu comecei a me interessar pelo infantil porque os meninos eram novinhos. Eu comecei a conhecer muito o infantil. Eu comecei a vender no infantil. Espontaneamente, porque como eu tava consumindo, sabia a indicação. Então eu comecei a indicar, pesquisar e tal. Aí comecei a me destacar no infantil. Comecei a ouvir gente na livraria procurando quem é a Cláudia. Eu quero ver uns livros.”

Tabela 2: mediação (elaborado pela autora)

A mediação já discutida com maior vagar anteriormente é perceptível nos três trechos retirados das entrevistas. Maria Antônia aborda como era a função quando começou a atuar no final da década de setenta. As livrarias de livros técnicos sempre tiveram por tradição ter clientes com listas de leituras sugeridas por professores. No período que Maria Antônia aborda, muitos livros eram encomendados em língua estrangeira e importados para os alunos. Todas essas correlações mostram a mediação, inclusive atendendo à demanda prévia e fazendo a logística para que o livro chegue na mão do leitor. Os outros dois casos mencionam o nicho infantil. Tal segmento traz consigo uma ambiguidade que é a dupla mediação, ora feita com os pais, ora com as crianças. No caso da Malasartes, Cláudia Amorim enfatiza que o foco era a criança, tanto que o projeto arquitetônico da livraria privilegiava prateleiras baixas para as crianças manusearem os títulos. No caso de Cláudia Mansini percebemos o marcador em um excerto sobre sua insegurança em trabalhar no atendimento ao público e como o cenário mudou com sua inserção via livros infantis. A mediação pode, inclusive, ser expandida para a cadeia do livro, uma vez que a figura do livreiro tem como uma das suas características ser um ponto central no comércio de livros. Nos excertos sobre curadoria, na tabela a seguir, vemos sobre o ato de escolher e comprar um acervo, sobrepondo um marcador ao outro.

Curadoria: é a escolha do acervo, do que constará no espaço da livraria e o que estará em pontos de destaque.

Maria Antônia (2024)	Cláudia Amorim (2024)	Cláudia Masini (2024)
----------------------	-----------------------	-----------------------

“Então, vamos lá, tem uma sessão de auto ajuda, demorou pra gente colocar, a gente botava embaixo do balcão, depois teve que fazer uma sessão. Tem que pagar a conta, né? E cada um faz da sua maneira. E eu descobri a tal lista. Doze mais vendidos, doze mais indicados, doze que mudaram a minha vida. E assim vai. Fora isso, no tal TikTok, esses influencers...”	“Cada público é um público. Olha, a gente teve um tempo no Barra Shopping. Cara, teve que mudar todo o acervo. Era completamente diferente o que as pessoas pediam. E o que elas estavam lendo era muito diferente da gávea. Porque a barra e a gávea são próximos. A gávea é o último pedaço do túnel, depois do túnel vem a barra. Mas o túnel foi na divisão e era completamente diferente, mas completamente diferente.”	“Não é que aqui não vende best-seller. Ah, o café com Deus Pai, vou vender, é claro que eu vou vender. Não tem problema nenhum eu vender. Mas ele não vai estar na minha vitrine, ele não vai estar na minha mesa, ele não vai estar.”
	“Essa coisa da novidade, antigamente, tinha muito vendedor. Pessoa que ia, te mostrava todos os livros, deixava com você, você via, você gostava. Depois sumiu essa pessoa. As editoras não têm mais vendedor. Esse vendedor da editora que vai na livraria e te apresenta as novidades. E quando era um vendedor bom, era ótimo, porque o cara tinha lido o livro e dizia, tua cara tem a ver com você, e você podia confiar.”	“Na verdade é meio confuso esse papel.” e acrescenta: “Hoje vou tirar um relatório e ver o que precisa repor. Normalmente eu ajudo. Claro que tem uns livros ou outros que eu sei de bater o olho. Mas uma editora que surgiu... Quem vai fazer isso é o Alencar. Eu faço os acertos, faço o pagamento, faço o controle, e posterior àquela escolha.”

Tabela 3: curadoria (elaborado pela autora)

Devido ao tamanho finito de uma livraria física, é necessário selecionar as obras que integrarão o acervo e darão “a cara da livraria”, e também construir uma distinção do acervo destas para outras. Vale mencionar que com a prática da consignação o processo da curadoria se alterou bastante, haja vista que não é mais necessário adquirir o livro e há uma margem maior para erros. Nos excertos percebemos vários movimentos que se correlacionam a tal prática. Maria Antônia e Cláudia Mansini falam dos best-sellers como livros importantes para manter a saúde financeira do negócio. A primeira mostra como descobre a demanda que terá de vendas e a segunda aponta que tais livros não estarão em locais privilegiados. Cláudia Masini também fala de como atua de maneira mais técnica nessa frente, fazendo todo o serviço burocrático. Já Cláudia Amorim relata que essa função era feita por todas as sócias da livraria, mas que era uma das coisas que mais gostava de fazer. Em seu relato é interessante perceber a mudança do mercado, uma vez que as editoras enviavam vendedores de livros para as

livrarias antes da consignação. Também percebemos no primeiro trecho a importância da curadoria, uma vez que lojas situadas em locais diferentes possuem diferentes demandas de composição do acervo de compra.

Agente da sociabilidade: é a capacidade de criar uma comunidade, seja no cotidiano, seja por meio de ações que reúnem pessoas e fomentam a venda de livros. As livrarias podem ser vistas como pólos de intelectualidade e sociabilidade, aglutinando grupos de prestígio e de afeto.

Maria Antônia (2024)	Cláudia Amorim (2024)	Cláudia Masini (2024)
“Lançamento era uma coisa que dava muito bem, então nós fizemos lançamentos incríveis. A coleção do Augusto, Claro Enigma, que foi criada, cresceu na livraria. Então, em todos os lançamentos ele lançava três ou quatro livros de cada vez. [...] Incríveis, porque tinha tanta gente, tanta gente, tanta gente, não sabia como fazer. E olha que a livraria não era um espaço pequeno, [...]. Bom, teve um lançamento e tinha 500 pessoas. A gente teve um bom vinho. E sempre tinha alguma coisa pra comer. Um petit fou, ou então a gente chamava uma senhora que fazia umas coisas bem legais.”	“Também teve um lançamento, [...] Esse foi na livraria da Barra. Ana Maria Machado, Silvia Orthof e Ruth Rocha. As três juntas. Ninguém apareceu. A gente acha que era porque foi na barra e o povo não tinha muito costume de lançamento. Na Gávea todo mundo ia ao lançamento, sempre. [...] Ficaram as três conversando, a gente ria aberto, a gente conversou muito. E nenhuma delas ficou triste. Porque a pior coisa para um livreiro é quando não aparece ninguém para o lançamento. [...] E você não tem muito pra fazer. É público, não tem como puxar, né?”	“É uma coisa que a gente tinha antes da pandemia, a gente tinha um círculo. Mas era um círculo que a gente não divulgava. Era só pra algumas pessoas, 18, 10 pessoas que vinham. A gente fazia encontros aqui fora. Com a pandemia, a gente parou. Aí eu, muito sem tempo e tal. E a Cleide, que é uma professora de Literatura. Ela tem uma página no YouTube que se chama Grilo Falante. Ela tem uma formação bacana e é cliente nossa. E aí, tem muito tempo que ela tá Algumas pessoas já fizeram convite pra gente ter um conjunto aí pra fazer.”

Tabela 4: agente da sociabilidade (elaborada pela autora)

Este marcador da práxis fala acerca da capacidade aglutinadora dessas agentes, uma vez que fazem da livraria um *locus* de sociabilidade, tendo seus clientes fixos e uma parcela de público rotativo. Para as livrarias é fundamental construir sua própria comunidade de frequentadores, tanto cotidianamente quanto em eventos e clubes de livros. Os lançamentos são um destes eventos que figuram como um ponto de efervescência da livraria no qual frequentadores se encontram. Nos relatos das livreiras tivemos várias menções a esses momentos. No destacado de Maria Antônia vemos um lançamento bem sucedido, enquanto no de Cláudia Amorim percebemos o contrário. É interessante ver os movimentos para trazer clientes para a livraria e a complexidade de quando essa tarefa não é contemplada. Cláudia Amorim menciona que naquela ocasião,

o esvaziamento não trouxe grandes problemas, mas que pode ser uma grande frustração para o autor. Já o excerto selecionado de Cláudia Masini aborda o surgimento do Clube de Leitura, um recurso atualmente muito utilizado para a construção de uma comunidade.

Formação: é a prática de repassar conhecimentos e técnicas para formar novos livreiros. O ofício pouco institucionalizado, sempre dependeu amplamente da experiência dos mais antigos.

Maria Antônia (2024)	Cláudia Amorim (2024)	Cláudia Masini (2024)
“Agora, fora isso, eu tento delegar porque, mas eu tô sempre ali, né? Porque pra eles é importante, né? Se saem dali, eles precisam saber o que está dizendo. Podem ir para o mesmo setor, para uma outra livraria. Tanto que tem um menino que era da Santa Marcelina, fazia música. Estava começando, mas já prenunciava um ótimo concertista de piano. Uma graça de rapaz. E ele sabia trabalhar.”	“Era eu, Renata, minha mãe, todo mundo selecionava. O negócio era ser leitora, então tinha pessoas que eram muito leitoras, mas aí tinha uma que era maravilhosa, a Isabela. Ela desligava, ela ficava lendo no cantinho. Entrava duas pessoas e ela não via. Mas era assim, ela era a leitora, era uma gracinha de menina, e a vendia muito bem, mas quando ela pegava um livro era danada, ela saía do mundo. Mas é legal isso.”	“Primeiro emprego. [...] Mas assim, não tem experiência, vivência de trabalhar numa empresa. Então você tem que dar um toque. Ele atende bem, ele é educado, mas termina assim: Obrigada e dá o livro. Não é assim. [...] A gente tem que dar um atendimento assim. Não, mas eu agradeço. Eu falei, eu sei que você agradece. Não é só agradecer. Você tem que criar um relacionamento. A pessoa vem aqui pra ser ouvida, pra falar. O lugar aqui é pra isso.”

Tabela 5: formação (elaborada pela autora)

Este marcador se sobrepõe bastante ao do gerenciamento de pessoas, uma vez que, no caso de livreiras que são proprietárias e gerentes dos negócios, está intrinsecamente ligada à figura do funcionário. As três entrevistadas mencionaram mais de um livreiro aprendiz que tiveram em seus negócios. É notório que geralmente são pessoas que ainda não têm muita experiência e a partir da orientação de profissionais mais antigos aprendem seus ofícios. Maria Antônia tem esse marcador bastante evidente e pensa na formação também de maneira geral, orienta e supervisiona a montagem de vitrines, por exemplo, pensando na capacitação do funcionário. Cláudia Amorim destaca a qualidade fundamental para ser contratada na livraria. E, por fim, Cláudia Masini dá um exemplo de como orientou um funcionário, reforçando o lugar de interlocução da livraria que tanto preza. É claramente uma área de entrada para jovens no mercado de trabalho.

Considerações finais

Neste artigo abordamos sinteticamente o que seria cada marcador da práxis de um/a livreiro/a correlacionando nossas categorias com as falas das entrevistadas. Nossa proposta é levar para o Grupo de Pesquisa de Produção Editorial parte do material empírico que coletamos para a pesquisa em andamento da tese e demonstrar — de maneira superficial visto a extensão deste texto — uma possível chave de análise dos dados, elencando categorias que emergiram no relato das livreiras. A leitura da bibliografia e o período de interação nos cursos de formação foram fundamentais também para entendermos tais marcadores. Esboçamos um primeiro perfil biográfico das entrevistadas. As três livreiras foram/são proprietárias de empreendimentos e têm grande dedicação a um negócio que não tem alta lucratividade.

Referências

AMORIM, Cláudia. Entrevista concedida à Samara Mirian Coutinho. Rio de Janeiro, 01 de dez. de 2024.

COUTINHO, Samara Mirian. Os livreiros e a prática de mediação. In: 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2024, Univali. *Anais do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Balneário Camboriú: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2659-1.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2017.

MASINI, Cláudia. Entrevista concedida à Samara Mirian Coutinho. Belo Horizonte, 25 de out. de 2024.

PAVAN, Maria Antônia. Entrevista concedida à Samara Mirian Coutinho. Belo Horizonte, 21 de nov. de 2024.

SCHETTINO, Thais Sena, O livreiro e a lida com o (re)conhecimento: um estudo sobre identidade profissional, 2011, 239 f. Tese (Doutorado)— Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, PPGSA, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Sérgio Eduardo Sampaio. O jeito de ser livreiro no Brasil: notas sobre o mercado de bens simbólicos. Dissertação (Mestrado acadêmico em Ciências Sociais— Universidade Federal de São Paulo (Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas), Guarulhos, 2019.

SOUZA, Carlos Alexsandro de Carvalho. Diferenciação, digitalização e marketplace: transformação das práticas dos agentes construtores do campo da oferta varejista editorial brasileira. 2022. 222 f. Tese (Doutorado em Sociologia)— Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.